

## **O ENSINO RELIGIOSO NUMA ESCOLA WALDORF**

*Francis Edmunds*

*Texto originalmente publicado no Periódico nº 52 da FEWB em abril de 2011*

Qual é a sua atitude perante a religião?

Esta questão, em geral, aparece no final de uma entrevista. Os pais questionadores desejam assegurar-se de que o ensino religioso dado na escola não irá separar seu filho da educação dada em casa.

Para a maioria dos pais, a resposta mais curta possível parece ser suficiente: “aulas de religião são dadas regulamente na escola inteira. O ensino é definitivamente cristão, mas não sectário.”

Ha alguns pais, entretanto, com fortes convicções próprias e que desejam uma resposta mais completa e outros ainda, que francamente prefeririam que não houvesse ensino religioso algum. “Por que não deixar as crianças livres para resolverem mais tarde, quando crescerem?”

É uma visão comum que educação tenha a ver com matérias de conhecimento e educação geral e que religião seja uma obrigação pessoal do lar. A supervisão oficial de ensino não inclui uma inspeção na área de ensino religioso a não ser que o diretor (no nosso caso, o grupo de metas) queira. Esse fato mostra que religião é algo adicional no currículo escolar e não que necessariamente faça parte dele. De qualquer forma, por ensino religioso, a maioria das pessoas entende ensino das Escrituras Sagradas, o que poderia muito bem ser dado numa escola dominical.

Numa escola Waldorf, nós fazemos uma distinção entre devoção religiosa e confissão de uma fé específica. Toda cultura humana, não somente religião, mas a arte, a filosofia, a medicina, política, sociologia, tiveram suas raízes no solo da devoção religiosa.

“Sem sacerdote, sem rei” é o último eco de uma visão de vida que começa antes dos faraós, os reis-sacerdotes do Egito ou mesmo mais longe.

Religião, portanto, é inseparável de qualquer estudo verdadeiro da história. Uma vez que em nossa visão, a infância é uma recapitulação de toda experiência essencial da raça humana, e uma vez que a devoção religiosa tem sido a mais poderosa força formativa na história e cultura humanas, roubar da criança essa experiência é proibi-la de algo que pertence propriamente a seus anos de crescimento.

Mais do que deixar a criança livre negando a ela essa experiência, nós a colocamos a mercê do ceticismo comum do adulto de hoje. A disposição da devoção religiosa fortalece as forças morais na infância e ajuda a estabelecer o caráter. O ceticismo, de outro lado, é construído sobre a negação e por isso tende a alimentar uma atitude de incerteza perante a vida. Será reconhecido que o ceticismo religioso moderno tem sido espalhado pelo mundo nos últimos séculos como um produto da abstração intelectual.

A criança pequena não é intelectual e não pode pensar abstratamente, mas se ela o faz, ela é arrancada de sua infância cedo demais e em seu próprio detrimento; o pensamento abstrato só começa a aparecer propriamente na adolescência e mesmo lá se o desenvolvimento foi sadio, ele será permeado por um entusiasmo natural e por um secreto anseio pelo heroico, que não é de forma alguma o intelectualismo frio do adulto sem ilusões.

Trazer a devoção religiosa para os pequenos não é deixá-los sem liberdade; é, acima de tudo, torná-los saudáveis. Dogmas religiosos deixam a alma sem liberdade, mas não a devoção religiosa.

O ensino religioso nas escolas Waldorf não é limitado as Escrituras, embora as inclua. Cristo disse: “Eu venho para cumprir a lei”. Nós temos, portanto, que tentar entender a lei.

A lei, como se expressava em tempos idos, não fazia distinção entre jurisdição e lei religiosa moral. Isso é verdade não somente para a lei dos hebreus, mas para todos os povos. Nós devemos, portanto, tomar a cultura pré-cristã seriamente em toda sua grandeza e em todas as suas variadas formas de expressão, como preparação para o Advento do Cristo. Assim também com as leis naturais.

A linguagem dos livros modernos está tão longe da natureza viva quanto a dissecação de um cadáver está para a viva inspiração do poeta. A natureza tem sua linguagem própria para a alma humana; sua beleza e delicadeza, seu terror e sublimidade despertam reverência, respeito, devoção e amor, sentimentos que agiram poderosamente na infância da raça humana e que pertencem igualmente a infância de hoje. A natureza sempre clamou seu lugar correto na vida devocional do homem. Esses dois aspectos da vida, o da história e o da natureza, fluem juntos para a experiência religiosa. Segue, então, que o ensino religioso em uma tal escola não pode ser meramente segregado em todo o resto do ensino; o ensino religioso procura antes encontrar expressão religiosa para tudo aquilo que permeia toda a educação como o ideal para a humanidade. Esse ensino será completamente integrado em todo o restante da vida escolar; por outro lado, onde não há ensino específico de religião, o elemento religioso não estaria em falta, pois ele está entrelaçado na arte, na ciência, na história e em tudo o que se ensina na escola.

A partir do que foi dito acima fica claro que por cristianismo nós entendemos ser algo todo-humano e todo envolvente, que não pode conflitar com qualquer aspecto particularizado dele. Por outro lado, aderir a alguma igreja ou denominação específica pertence particularmente a cada lar e de forma nenhuma a escola.

Nós falamos acerca do caráter geral do ensino religioso em nossas escolas. E qual será o conteúdo desse ensino? O que faz o ensino religioso especificamente cristão?

O ensino cristão tem seu centro no Mistério da Santíssima Trindade. Será que existe algo da experiência comum que podemos relacionar com este Mistério? Se conseguirmos encontrá-lo, então isso nos trará a base que procuramos.

O adulto pode olhar retrospectivamente para sua vida. Em primeiro lugar, ele se vê como um ser dentro da natureza. Ele sabe que para estar lá, de qualquer forma, ele teve que ter pais terrestres. Ele sabe que a construção do corpo que agora ele carrega está submersa na mais profunda inconsciência. A natureza o envolveu e o carrega de estágio a estágio, da concepção ao nascimento, e depois do nascimento em todas as fases sucessivas da infância. Todo esse processo, com suas leis inevitáveis, escapa completamente de sua compreensão consciente. Mesmo como adulto, tudo o que o sustenta a cada dia, tudo o que ele carrega consigo cada vez que ele dorme e acorda, tudo o que o mantém na existência corpórea, sua respiração, sua circulação, seu metabolismo, cada condição de sua consciência que o capacita a pensar, tudo isso, pelo menos a maior parte, fica fora do seu conhecimento e de sua vontade. Ele está submerso na natureza, ele próprio faz parte da natureza. Ele sabe também que, fora a condição inconsciente da primeira infância e meninice, ele gradualmente emergiu para a consciência.

No processo do acordar da primeira infância, ele começou, pouco a pouco, a tomar

consciência de si próprio. Sua memória retrocede somente até certo ponto; o momento quando ele, pela primeira vez, foi capaz de dizer a palavra “eu” para si mesmo. Rudolf Steiner, inúmeras vezes, dirigiu nossa atenção para o lugar peculiar que essa palavra ocupa no todo da linguagem. Tudo o mais pode ser aprendido pela imitação. Cada João começa por se chamar João, cada Maria por se chamar Maria. Nós não podemos, entretanto, nos indicar como “eu” por imitação. Aqui há uma espécie de brecha. Alguma coisa precisa acontecer como súbita intuição, lampejo de consciência interior e, para o resto da vida, isso que surge “de dentro” nos capacita a dizer a palavra “eu”.

A partir desse ponto mágico, mágico no sentido de que transcende um mero processo natural, nossa memória se estende englobando a soma total de nossas experiências pessoais. Nós nos compreendemos como pessoas. Gradualmente, a partir desse momento, nós começamos a construir uma vida interior toda própria. Na continuação da infância, particularmente na metade da vida (idade do professor de classe), nós começamos a penetrar cada vez mais na nossa vida de sonhos e imaginação. Nós nos tornamos conscientes de um mundo interior, uma vida anímica, que é somente nossa.

Nós podemos, então, fazer uma distinção clara entre o que nos traz aqui inconscientemente no caminho da natureza e essa emergência de um conteúdo pessoal interno para nossas vidas. Nós somos todos igualmente parte da natureza, mas nós somos para nós próprios algo especial.

Existe um momento particular na infância quando essa descoberta do “eu” é acentuada. Isso ocorre entre os nove e os dez anos de idade. E como uma segunda fase do nascimento do “eu”. Se o episódio do terceiro ano de vida flameja como uma intuição da consciência, esta última fase é acompanhada por um aprofundamento do sentimento da vida. Pela primeira vez a criança começa a compreender o sentido real da solidão, de estar sozinha consigo mesma num mundo que está fora para sempre. E o começo de um abismo inevitável que se estende entre o “eu” como subjetivo e o mundo objeto de nossa contemplação. Igualmente nós podemos dizer que a partir desse momento nós nos tornamos cada vez mais um objeto para nós mesmos.

Até aqui a criança viveu mais ou menos una com seu ambiente e consigo mesma. Agora existe o começo dessa divisão. Esse começo de autoconsciência, de estar sozinho consigo próprio permanece para o resto da vida.

Aqui, pela primeira vez, começam a surgir as questões sobre o destino pessoal. Com o passar dos anos esses sentimentos e questionamentos se tornam mais definidos. Alguma coisa que não podemos jamais deduzir como consequência somente da natureza desabrocha dentro de nós. Alguma coisa que parece ser estranha a este mundo. A vida se torna um enigma.

Mas existe uma nova fase. A partir do momento que começamos a nos conhecer como distintos dos outros nós nos tornamos mais claramente conscientes desses outros. Nós não podemos mais achar que qualquer relação com os outros seja verdadeira. O adolescente, em especial, está preocupado com as questões sobre relacionamentos humanos. A vida não tem sentido se nós simplesmente vivemos para nós mesmos. Os seres humanos são interdependentes e interrelacionados. Qual é a verdadeira base do companheirismo na vida?

Nos tempos primitivos e também hoje, na infância existe uma dependência direta dos relacionamentos de sangue. Gradualmente a alma se emancipa disso. Desejamos construir relacionamentos com base na mútua compreensão.

Nesta era moderna, podemos sentir mais afinidade por um estranho ou estrangeiro do que por nosso próprio irmão. Nós nos esforçamos para construir nossos próprios relacionamentos para obter uma comunidade de interesses com nossos companheiros, uma comunidade por escolha,

não por necessidade.

Aqui, então, estão três fases bem distintas da experiência humana, bem conhecida de todos nós: nós quase nunca superamos a primeira, nunca penetramos completamente a segunda e nunca realizamos inteiramente a terceira.

O intelecto pode nos trazer consciência, mas algo mais profundo precisa nos penetrar se quisermos chegar mais perto de tudo o que está expresso nesse desdobramento próprio de cada vida humana.

Em termos cristãos devemos agora dizer: esse vir a ser no rumo da natureza, esse descansar e ser sustentado pela natureza além de nossa compreensão, esse é um eco do mistério do Deus-Pai, o fundamento de toda a existência, em Quem nos apoiamos e temos nosso ser. Aqui está o maior de todos os mistérios. O sentimento que nos preenche quando em contemplação ao Deus-Pai é um sentimento de infinita gratidão pelo passado e por tudo que do passado nasceu e que nos rodeia. Aqui está o verdadeiro fundamento da fé.

Nesse mundo do ser encontramos o nosso próprio ser; viemos realizar nosso próprio “eu”. Isso não é meramente dado, mas está constantemente brotando de dentro. Através da vida, o homem pode continuar se desenvolvendo e, na medida em que isso acontece, o círculo de seus interesses vai ampliando-se.

O que é esse “eu” em expansão? A natureza não tem pecado, mas aqui nos confrontamos com o problema do pecado, pois a experiência do “eu” pode se tornar uma atenção exagerada num egoísmo pelo “eu”. Somos levados a uma condição de disputa conosco até percebermos que para achar o nosso verdadeiro “Eu” o homem deve superar seu “eu” cotidiano. Cristo, que viveu e morreu sem “eu” e se tornou o Deus que nós aspiramos. São Paulo disse: “Não eu, mas o Cristo em mim”. Através do Cristo podemos superar a tentação do egoísmo, a queda através de Lúcifer. Um Amor infinito deve nos preencher quando contemplamos os sofrimentos do Cristo para a salvação da alma humana. Nele encontramos o verdadeiro “Eu Sou”, o trabalho do Deus-Filho, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Ele é a verdadeira fonte do Amor, da Caridade. Cristo entrou no reino da natureza para se tornar uno com ela. “Eu e o Pai somos um”. Ele entrou no reino dos homens para tornar-se uno com todos os homens. “Eu estarei convosco para todo o sempre”. Ele está para sempre entre nós. “Antes que Abraão fosse, Eu Sou”. Ele é o curador e o inspirador da cultura humana de todos os tempos e Seu Reino estende-se para o futuro. “Eu Sou o Alfa e o Ômega”. Ele não morreu somente, mas renasceu. Aqueles que O recebem são cristianizados em Seu nome. Eles abarcam Sua imortalidade. Cristo disse: “Eu lhes enviarei o meu Consolo, o Espírito da Verdade”.

A natureza separa os homens em raças, nações, famílias, línguas. Tudo isso é necessário para que os homens possam crescer diferenciados. Esse processo por si só deve levar-nos a condição de uns contra os outros, divisões e mais divisões, tal como está acontecendo hoje em dia.

Aqueles que morrem para si para renascerem em Cristo possuem aquilo que possibilitará outra vez a união. Isso é o que acontece em Pentecostes. O Verbo manifestou-se através da boca dos homens, não em uma só língua, mas em várias. Cada uma tem seu espírito próprio, mas Cristo, na experiência de Pentecostes fez descer em cada homem o Fogo do Espírito do Mundo, o Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Isso aconteceu uma vez, mas pode acontecer sempre de novo. “Onde dois ou mais estiverem reunidos em Meu Nome, Eu estarei ali.” Aqui vive a esperança para o futuro. Aqui jaz a base para a nova comunidade, não a comunidade pelo sangue, mas a comunidade pelo Espírito Santo. Então os homens se tornarão servos da palavra pelo mundo inteiro na Fé, na Caridade, em perfeito entendimento. Assim que o homem tiver a possibilidade de ter em si essas três coisas e se propuser a expressá-las, assim serão os Três em

Um e o Um em Três.

O que tentei colocar só os ideais que formam as bases das aulas de religião, sendo que estes variarão para os diferentes anos. O que mais importa é que devemos trazer o sentimento correto. Com as crianças menores nós deveríamos falar de tal forma que eles pudessem ter o sentimento de que a natureza é um presente de Deus e o poder dos homens também; a vida, como um todo, chega-nos como um grande e magnífico presente. Aqui é expressa a devoção do princípio do Pai. Ela provoca reverência na alma humana.

No terceiro ano (criança de nove anos) são contadas as histórias do Antigo Testamento, não nas aulas de religião, mas na aula principal. Essas histórias encontram-nas no momento crítico acima descrito, quando elas precisam especial tranquilidade e aumento de confiança. Um sentido de destino permeia todas essas histórias. Nos vemos como, passo a passo, o homem tem de ser responsável por si mesmo, mas sempre para realizar uma grande tarefa. Uma tarefa que possa servir seus companheiros. Neste momento também, encontrando esse primeiro acordar para o pessoal, podemos começar a introduzir as histórias sobre Jesus. Estas podem ser complementadas com as histórias de santos. Muito mais pode ser feito mais tarde com as biografias: a vida de São Francisco de Assis, a vida de Hellen Keller, entre outras, para mostrar como a vida humana pode se expressar das mais variadas formas, no superar dos obstáculos para a aquisição de um bem maior.

Nos sétimo e oitavo anos podemos começar um estudo mais aprofundado dos Evangelhos. Na vida do Cristo, o Seu sacrifício e Sua vitória, vemos o arquétipo do verdadeiro viver: nós somos preenchidos por devoção e amor contemplando o Seu Ser.

Indo para o Ensino Médio, quando os alunos deixam seu professor de classe e se encontram sozinhos, um tema que se enquadrará bem será o Ato dos Apóstolos; também a vida de Santo Agostinho e a maneira como ele lutou pela sua fé. No décimo ano nós podemos ampliar trazendo as viagens de São Paulo, com referência as Epístolas, mostrando como a experiência central de sua vida na estrada de Damasco encontrou as mais variadas formas de expressão nas diferentes comunidades por onde ele passou. Podemos também tomar a vida de Buda no Oriente, com seus ensinamentos sobre compaixão, e aquela de Sócrates, no Ocidente, com sua busca pela sabedoria para mostrar como de lados opostos ambos foram precursores daquele que encontrou sua culminância no Evento do Cristo.

Confiança na vida, coragem para a verdade podem nos preencher quando vemos tais diversidades reunidas numa experiência mais alta.

A verdade é mais que mera opinião: aqui fala a linguagem do Espírito Santo. Nós encontramos nesse terceiro ideal a devoção à verdade, a coragem para a verdade.

No décimo primeiro ano, nas aulas principais, são abertos muitos espaços para o ensino do Graal e tudo o que isso significa para os séculos posteriores, até mesmo para o século XIX, por exemplo, os poemas de Tennyson e o *Parcival* de Wagner. Nas lendas de Artur e a época de Pentecostes, que são especiais, quando os cavaleiros não se sentavam para as refeições até que chegasse o mensageiro, uma espécie de emissário do Espírito. No alimento, por assim dizer, do Graal, vive o mistério da Transubstanciação, as forças da ressurreição para a formação da comunidade no Espírito.

Esses e outros assuntos semelhantes podem ser matéria das aulas de religião. As obras de Shakespeare mostram uma imensa aquisição nessa direção. Há muito mais de cristianismo escondido num poema como “Prometeu Acorrentado”. Todo impulso em direção à liberdade carrega consigo a busca pela verdadeira comunhão entre os homens. A realização disso traz do

futuro um sentido de benção fluindo em nossa direção.

Finalmente, no décimo segundo ano é dado aos alunos um panorama de todas as grandes religiões da humanidade e elas são levadas em direção a uma compreensão das possibilidades evolutivas do próprio cristianismo. Com isso elas nos deixam para entrar na vida.

O que foi delineado acima não é um conjunto de regras, mas a intenção foi apenas indicar a linha geral das aulas de religião através dos diferentes anos da vida escolar. Cada professor de religião é livre para selecionar o que ele acha melhor para suas crianças. Cada um delineará sua própria experiência de vida, segundo sua capacidade de interpretação.

Como pano de fundo para o ensino como um todo, ano a ano, está a vivência das estações e as festas cristãs que ocorrem periodicamente. Natal, a festa do nascimento, é uma festa para velhos e jovens igualmente. Muitos pais puderam vivenciar as festas de Advento das crianças menores e que as preparam para a Peça de Natal, as quais os professores representam anualmente para toda a escola. A festa da Páscoa, com sua mensagem de morte e ressurreição tão distinta da ressurreição da natureza na primavera, é reservada para os alunos do Ensino Médio. A semana de Pentecostes não é celebrada como festa, pois só com crianças mais velhas é que poderíamos abordá-la. De outro lado, a festa de São João é uma ocasião que traz de volta ex-alunos e seus pais renovando assim seu relacionamento com a escola. Finalmente, temos a festa de São Micael, quando a natureza desabrocha e o espírito do homem acorda mais fortemente para a própria vida. Assim, o ritmo do ano adquire um sentido profundo e sagrado que ecoa para toda a vida. As festas cristãs ocorrendo nas diferentes estações do ano educam o homem no sentido que, apesar de estar na natureza ele vive através de uma lei mais elevada. “Meu Reino não é deste mundo”.

No final podemos dizer que não existe aspecto da vida que não possa ser revisto e redescoberto sob a luz da experiência religiosa. O efeito do ensino de religião é uma intensificação dos valores humanos.

Cada ex-aluno de nossas escolas saberá o que isso quer dizer. Ele saberá que deixou a escola com um vivo interesse em tudo o que concerne ao homem, mas sem nenhuma tendência; livre para fazer suas próprias descobertas, para questionar, rejeitar, reconsiderar, reafirmar e, se ele quiser, ir além daquilo que foi trazido para ele. Seus sentidos foram agilizados e seu coração aquecido na infância de forma que ele possa, da melhor forma, encontrar seu caminho na maturidade.

Onde isso for provado verdadeiro, o ensino de religião terá cumprido sua missão.

**O autor:** Francis Edmunds, foi durante muitos anos professor em Micael Hall, onde atuou como professor de classe, como professor de matéria, além de ministrar cursos para professores Waldorf. Presidiu durante quinze anos a Ass. Educacional Rudolf Steiner integrada por membros das Escolas Waldorf da Grã Bretanha. Ajudou a implantar o Ensino Médio nos EUA e ajudou as escolas da América do Norte e do Sul. Nessa missão veio diversas vezes ao Brasil.